

## GEOGRAFIA E CULTURA\*

Denise Cristina BOMTEMPO\*\*

Liz Cristiane DIAS\*\*\*

Oscar Sobarzo MIÑO\*\*\*\*

**Resumo:** Na realização deste seminário tentou-se abordar o tema CULTURA a partir de quatro frentes, a definição do conceito partindo da antropologia, a relação existente entre a cultura e a geografia, a relação atual entre cultura e globalização, e o tratamento da cultura no ensino de geografia. Cientes da abrangência do tema, tentamos abordar sinteticamente cada ponto nas suas principais características.

**Palavras-chave:** Cultura; Geografia; Educação; Globalização.

**Resumen:** En la realización de este texto se intentó abordar el tema CULTURA a partir de cuatro frentes: la definición del concepto desde la antropología, la relación existente entre la cultura y la geografía, la relación actual entre cultura y globalización, y el tratamiento de la cultura en la enseñanza de la geografía.

Conscientes de la magnitud del tema y sin ninguna pretensión de agotarlo, abordamos sintéticamente cada punto en sus principales características.

**Palabras-llave:** Cultura; Geografía; Educación; Globalización.

\* Texto apresentado para conclusão da disciplina Metodologia de Pesquisa em Geografia, oferecida pelo Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP (1º Semestre de 2001).

\*\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, FCT/UNESP. Bolsista FAPESP. bomtempo@webmac.psi.br

\*\*\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, FCT/UNESP. Bolsista CAPES. – Brasil. lizseier@zipmail.com.br

\*\*\*\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia, FCT/UNESP. Bolsista CAPES. – Brasil. bagzo@hotmail.com

## 1. O CONCEITO DE CULTURA

Até finais do século XVIII, utilizavam-se separadamente os termos *KULTUR* e *CIVILIZATION*. O termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto que a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo.

EDWARD TYLOR (1832 – 1917), sintetizou ambos termos no vocábulo inglês *CULTURE*, que tomado em seu amplo sentido etnográfico refere-se a todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Na palavra cultura, TYLOR abrangeu todas as possibilidades de realização humana, destacando o caráter de aprendizado da cultura em oposição à idéia de transmissão genética hereditária dela.

Outros pensadores anteriores a TYLOR já tinham colocado este último ponto:

- **JONH LOCKE (1632 – 1704)** tentou demonstrar que a mente humana equivale a uma caixa vazia no nascimento, com a capacidade ilimitada de adquirir conhecimento
- **JAQUES TURGOT (1727 – 1781)** colocou que o homem tem a faculdade de criar e multiplicar um conjunto de signos que lhe asseguram a retenção de suas idéias, a sua comunicação para outros homens e a transmissão para os seus descendentes como uma herança crescente.
- **JEAN JACQUES RROUSSEAU (1712 – 1778)** atribuiu um grande papel à educação no desenvolvimento do homem, chegando ao exagero de acreditar que esse processo teria a possibilidade de completar a transição entre os grandes macacos e os homens.

Voltando a TYLOR, este autor tinha uma visão evolucionista sobre a cultura, fortemente influenciada pelo livro "Origem das espécies" de Darwin. Segundo TYLOR a diversidade cultural era resultado da

desigualdade no passo pelos diferentes estágios da evolução, existindo assim uma escala de evolução cultural com três estágios: Selvajaria, Barbarismo e Civilização.

O antropólogo de origem alemão FRANZ BOAS (1858 – 1949) era contrário ao evolucionismo cultural. Formado originalmente em física e geografia, Boas migrou para os Estados Unidos onde desenvolveu o Particularismo Histórico (ou a chamada Escola Cultural Americana), segundo a qual cada cultura segue os seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrentou.

O antropólogo estadunidense ALFRED KROEBER (1876 – 1960) rompeu todos os laços entre o Cultural e o Biológico, postulando a supremacia do primeiro em detrimento do segundo, iniciando o afastamento crescente dos domínios cultural e natural, o que vai influenciar diretamente na geografia.

KROEBER contribuiu para a ampliação do conceito de cultura, principalmente, nos seguintes pontos:

- A cultura determina o comportamento do homem e não a herança genética.
- O homem age de acordo com os seus padrões culturais: Os instintos foram parcialmente anulados no seu processo evolutivo.
- A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos (ponto fundamental na relação com a geografia).
- A cultura é um processo cumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Neste ponto, se aprecia a importância da comunicação para a transmissão da cultura. Assim, se bem a linguagem humana é um processo cultural, um produto da cultura, não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral.

Outro ponto de importância fundamental é que o homem não é apenas o produtor da cultura, mas também é o produto.

Duas definições de cultura, mais sintéticas e atuais são as que colocam HARVEY (1989) CASTELLS (1996), nas suas obras em que

tentam analisar as mudanças culturais da sociedade atual. Para o primeiro, a cultura é um complexo de signos e significações (incluindo a linguagem) que origina códigos de transmissão de valores e significados sociais. Para o segundo, a cultura é o sistema de crenças e códigos historicamente produzido.

Uma visão mais atual da cultura se apresenta no ponto quarto ao analisar a cultura e a globalização.

## 2. CULTURA E GEOGRAFIA

A relação entre cultura e geografia podemos encontrar primeiramente no DETERMINISMO de RATZEL (1834 – 1904). Para Ratzel a tarefa a geografia consistia em tentar a compreensão da influência do meio na formação das sociedades, pois, na sua concepção, o meio determinava a cultura, primava o Natural sobre o Cultural.

Ratzel criou o conceito de Gênero de Vida para mostrar as adaptações dos grupos sociais ao meio circundante.

A abordagem de RATZEL teve uma grande aceitação entre os geógrafos, já que o determinismo restaurava a unidade da geografia e a colocava na conjunção das ciências naturais e as ciências do homem.

Uma segunda visão, que relaciona geografia e cultura, dando maior importância à cultura sobre o meio, é o POSSIBILISMO de VIDAL DE LA BLACHE (1843 – 1918), que colocou que o meio possibilita a ação do homem, mas não a determina.

Para VIDAL DE LA BLACHE o importante era comprovar como e por qual processo o homem tinha conseguido se impor ao meio. Neste sentido, a geografia não podia prescindir da análise histórica. Assim como a cultura é um processo histórico, é preciso analisar o espaço numa perspectiva histórica para compreender como a cultura foi se transformando e adaptando-se ao meio.

O gênero de vida não é mais visto como consequência dos poderes naturais, mas como uma realidade social. Assim, identificamos uma relação direta com a cultura, mas é importante apontar que VIDAL tinha uma concepção de cultura bastante ligada à biologia, já que ainda

considerava que os hábitos é a força do costume se desenvolviam pela herança.

Uma outra visão que relacionou diretamente a antropologia com a geografia é a Geografia Cultural desenvolvida principalmente nos Estados Unidos depois da 1ª Guerra Mundial. O principal autor foi CARL SAUER (que teve contato com Kroeber) quem compreendeu que não se podia falar em paisagem cultural sem estudar a cultura que a explica. Sauer deixou de lado os postulados biológicos, para considerar somente as atividades e os comportamentos humanos.

A geografia cultural não tem a tarefa de explicar um meio ou uma paisagem, mas analisa os estados sucessivos e os elementos que permitiram uma diversidade de usos no tempo. Não procura uma previsão do futuro, somente uma visão retrospectiva.

Na década de 1940, PIERRE GEORGE rompeu com a geografia humana, colocando a necessidade de uma Geografia Social. Segundo GEORGE, a geografia humana somente consistia no estudo descritivo e explicativo do comportamento das coletividades humanas nas diferentes regiões e a partes do mundo. Já a geografia social pretendia algo mais concreto, o estudo da diversidade das relações de produção e das relações sociais resultantes em cada meio geográfico. Assim as relações humanas ou culturais são reduzidas ou parcializadas na esfera econômica, situação criticada em algumas abordagens de origem marxista.

## 3. CULTURA, MODERNIDADE E GLOBALIZAÇÃO

Para refletirmos a temática da cultura nos tempos atuais, é necessário considerar as discussões propostas por IANNI (1997, 1996), SANTOS (2000) e FEATHERSTONE (1995). Esses autores propõem uma discussão sobre a cultura no mundo globalizado.

Nesse contexto, emergem algumas questões, como: o que a globalização econômica influência na globalização cultural? Há uma globalização cultural (total)? Portanto, como pensar a cultura no espaço técnico-científico-informacional?

A discussão sobre cultura e globalização passou a intensificar-se a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Como afirma IANNI (1997), "a partir da Segunda Guerra Mundial, desenvolveu-se um amplo processo de mundialização de relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, antagonismo e integração. Aos poucos, todas as esferas da vida social, coletiva e individual, são alcançadas pelos problemas e dilemas da globalização". (IANNI, 1997, p. 36).

A ideologia global, proposta pelos países de capitalismo desenvolvido, induz à crença do fim das fronteiras nacionais, na presença reinante da homogeneidade, tanto econômica quanto cultural e na diminuição das distâncias entre os indivíduos e as mercadorias. Portanto, acredita-se que o mundo tenha se tornado pequeno e homogêneo. Para classificar o período global, surgiram metáforas, como afirma IANNI (1996), "na época da globalização, o mundo começou a ser taquígrafado como aldeia global, terra pátria, nave espacial, nova babel e outras expressões. São metáforas razoavelmente originais, suscitando significados e implicações" (IANNI, 1996, p. 15).

Porém, é necessário realizar uma visão crítica a cerca do fenômeno da globalização. Para tanto, remetemo-nos as questões propostas no início desse ponto. Como pensar a cultura no mundo globalizado? Há uma total globalização da cultura?

Considerando que os lugares não são homogêneos, mas sim específicos e possuem história e relações diferenciadas; assim, a globalização não homogeneiza os lugares, pelo contrário, nesse período as manifestações de heterogeneidade estão cada vez mais explícitas.

O capitalismo cria símbolos que caracterizam a homogeneidade, por exemplo o *Mc Donald's* e a *Coca-Cola*. IANNI (1997) e SANTOS (2000), afirmam que o capitalismo cria símbolos de uma cultura de massas, que não tem história e sim a ideologia de formar "um exército único de consumo", reduzindo assim a cultura popular, que é a cultura de raízes, que possui história e carrega as especificidades do lugar.

FEATHERSTONE (1995), por sua vez, fala que "o capitalismo criou uma cultura de consumo que foi imposta no imaginário da sociedade, fazendo suscitar desejos de adquirir "coisas" (FEATHERSTONE, 1995, p. 31).

O processo de globalização tem influenciando direta e indiretamente na vida econômica, cultural e nas relações interpessoais, porém, não ocorre de maneira homogênea na escala mundial, pois as desigualdades existentes provam que esse processo não se concretiza totalmente.

De acordo com SANTOS (2000),

o mercado vai impondo, com maior ou menor força, aqui e ali, elementos mais ou menos maciços da cultura de massa, indispensável, como ela é, ao reino do mercado e a expansão paralela das formas de globalização econômica, financeira e cultural. Essa conquista, mais ou menos eficaz segundo os lugares e as sociedades, jamais é completa, pois encontra a resistência da cultura preexistente (SANTOS, 2000, p. 143,144).

A cultura popular é a resistência para a não expansão da cultura de massas. Pois, como afirma SANTOS (2000),

[...] a cultura popular é baseada no território, no trabalho e no cotidiano, ganha a força necessária para deformar, ali mesmo, o impacto da cultura de massas. Gente junta cria cultura e, paralelamente, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada. Tal cultura realiza-se segundo níveis mais baixos de técnica, de capital e de organização, daí suas formas típicas de criação. Isto seria, aparentemente, uma fraqueza, mas na realidade é uma força, já que se realiza, uma integração orgânica com o território dos pobres e o seu conteúdo humano. Daí a expressividade dos seus símbolos, manifestados na fala, na música e na riqueza das formas de intercurso e solidariedade entre as pessoas. A cultura de massas produz símbolos. Mas estes, direta e indiretamente, são criados ao serviço do poder ou do mercado. Frente ao movimento social e no objetivo de não parecerem envelhecidos, são substituídos, mas por outra simbologia também fixa: o que vem do capitalismo dominante está sempre morrendo e pode, por antecipação, já ser visto como cadáver desde o seu nascimento. É essa a simbologia ideológica da cultura de massas. Já os símbolos da cultura popular, são portadores da verdade da existência e reveladores do próprio movimento da sociedade (SANTOS, 2000, p. 144, 145).

Pensar a cultura na globalização, requer uma análise profunda dos acontecimentos, pois se ficarmos presos à superficialidade e na aparência, corremos o risco de afirmar a existência da aldeia global, o fim do Estado-Nação e a superposição da cultura de massas sobre a cultura popular.

Mas, se fizermos uma análise do processo além da superficialidade, verificaremos que os lugares "globais" são cada vez mais "locais", pois as desigualdades e as especificidades estão cada vez mais presentes, bem como, as manifestações culturais populares se fortificam no movimento, mesmo convivendo com a cultura de massas.

#### 4. CULTURA E ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA REFLEXÃO SOBRE OS PCNS

A educação vem sofrendo grandes transformações, principalmente ao que diz respeito à implantação de um conjunto de políticas públicas educacionais iniciada com a LDB/96. Desta forma, os PCNs, o qual daremos mais ênfase nesta reflexão, não constituem um projeto isolado, sofrendo determinações de políticas mais amplas<sup>1</sup>.

Os temas transversais propostos pelos PCNs poderiam ser vistos como um avanço em termos educacionais, se não fosse a forma com que estão sendo impostos às escolas. Essa inovação vêm apavorando os professores. "Mexe-se no currículo, mas não são pensadas as ações que ofereçam aos professores momentos de reflexão, valorizando a interdisciplinariedade e os trabalhos coletivos em uma sociedade, onde prevalece o individualismo". (PONTUSCHKA, 1999).

O tema **Pluralidade Cultural**, proposto pelos PCNs, visa como descrito no documento, a transformação de práticas arraigadas, inaceitáveis e inconstitucionais, enquanto se ampliam conhecimentos acerca das gentes do Brasil, suas histórias trajetórias em território nacional, valores e vidas; o tema traz oportunidades pedagogicamente muito interessantes, motivadoras que entrelaçam escola, comunidade local e

sociedade, propiciando ao aluno a compreensão do seu próprio valor, promovendo sua auto-estima como ser humano pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesa a experiências que lhe poderiam ser prejudiciais. (PCNs, 1998)

A proposta também tem como objetivo, desenvolver uma atitude de empatia e solidariedade para com aqueles que sofrem discriminação baseadas em diferenças raciais, étnicas, classe social, crença religiosa, sexo e outras características individuais ou sociais. A escola passaria a ser o local do convívio pacífico, democrático e criativo dos diferentes componentes da diversidade cultural.

Torna-se importante discutir alguns pontos levantados, principalmente o que diz respeito ao papel da escola como o local do convívio pacífico e democrático, ou seja, até que ponto a escola poderia assumir esse papel?

Talvez o grande problema da proposta seja a falta de diálogo com a realidade, é como afirma KAERCHER (1997): "[...] no meu modesto modo de ver, simplesmente não existe, grosso modo, no Brasil essa escola, esse professor e nem esse aluno que os PCNs descrevem. O texto caracteriza-se assim pelo idealismo por ser carregado de boas intenções (sabemos que isso nossos governantes tem de sobra) mas sem, em nenhum momento, se perguntar pela viabilidade de se operacionalizar efetivamente a construção desta escola." (KAERCHER, 1997 p.32)

O tema preocupa-se com a distinção entre diversidade cultural e desigualdade social, mas em nenhum momento procura articular esses conceitos dentro da própria escola, sendo que esta reflete as contradições da sociedade. A escola também pode ser vista como um local de conflito de desigualdades, sendo que, nela existe a convivência entre crianças de origens diferentes, níveis socioeconômicos diferentes, com costumes e dogmas religiosos diferentes. Como então a escola poderia assumir o papel do local do convívio pacífico e democrático, a que democracia estamos nos referindo?

Podemos ainda ressaltar que a escola pública não possui condições reais de oferecer aos seus alunos recursos materiais para a

realização de tais tarefas e objetivos propostos pelos PCNs. De acordo com CASTELLAR (1999): "Toda essa discussão seria muito mais interessante se todas as crianças estivessem na escola, se não houvesse repetência e nem evasão escolar. Se a escola fosse realmente democrática e autônoma. Se houvesse seriedade nas propostas das diretrizes curriculares. Se o governo estivesse realmente interessado com a qualidade do ensino." (CASTELLAR, 1999 p.48)

Portanto, o que se observa é que a proposta é um instrumento utilizado pelo poder, para desviar a atenção da comunidade educacional, dos reais problemas da educação brasileira, ou seja, a desvalorização e o sucateamento da escola pública.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de CULTURA, ao incluir o conjunto das realizações humanas e o seu acúmulo ao longo do tempo, remete-nos a um conceito que transpassa todas as esferas da realidade. No momento atual, tende-se pensar numa homogeneidade cultural produto da globalização e, embora existam elementos culturais presentes no mundo todo, cada vez mais as comunidades locais estão marcando a sua presença e tentando a sua diferenciação. No caso do ensino da geografia, o tratamento da cultura oferece uma valiosa oportunidade para a abordagem de diversos temas, especialmente os da realidade dos estudantes, mas ao surgir esta oportunidade não é aproveitada, devido às características das orientações oficiais como este é sugerido aos alunos.

Para a geografia restam alguns desafios, como: os estudos desta grande diferenciação cultural num mundo cada vez mais globalizado e interconectado as grandes manifestações espaciais e o tratamento do tema cultural na sala de aula, como um instrumento de transversalidade para o tratamento de diversos aspectos, especialmente os da cidadania e do respeito às diferenças.

## 6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRASIL. Ministério da educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 1. 126p.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais: História e Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 166p.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436p.

CASTELLAR, S. M. V. A formação de Professores e o Ensino de Geografia. In: *Terra Livre*, nº14. As transformações no mundo da educação: geografia, ensino e responsabilidade social. AGB, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 1: A sociedade em rede**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 617 p.

CLAVAL, Paul. **Evolución de la Geografía Humana**. 2ª ed. Barcelona: Oitos-tau, 1981. 240 p.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. 7ª ed. São Paulo: Loyola, 1998. 349 p.

IANNI, Octávio. **Teorias da Globalização**. 3ª ed. RJ, Civilização Brasileira, 1996.

\_\_\_\_\_. **A sociedade global**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

KAERCHER, N. A. PCN's: futebolistas e Padres se encontram num Brasil que não conhecemos. In: *Terra Livre*, nº13. Dossiê: Os PCNs em discussão. AGB, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. 116 p.

PONTUSCHKA, N. N. Parâmetros Curriculares Nacionais: tensão entre Estado e escola. In: Ana Fani Alessandri Carlos, Ariovaldo Umbelino de Oliveira (org). **Reformas no Mundo da Educação: Parâmetros curriculares e geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.